
Apresentação

Viagens ao futuro: profecias e projeções

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n55a1432>

Ruy Belo escreveu que “O Portugal futuro é um país / aonde o puro pássaro é possível” (Belo, 2009, p. 266). O autor de *Toda a Terra* foi, como se costuma dizer, um artista à frente do seu tempo, e as suas palavras não só propunham um Portugal ainda inexistente, mas faziam emergir, no instante mesmo da ação lírica, um país por vir. À sua maneira, o poeta escrevia o futuro.

Pensar, sonhar, escrever, imaginar, predizer o futuro é tarefa à qual, desde sempre, a literatura se dedicou. Seja por meio dos livros proféticos, de discursos utópicos, da livre imaginação fantástica ou das projeções da ficção científica, o tempo por vir faz-se continuamente matéria de vivo interesse. Na literatura portuguesa, abundam exemplos de obras que se voltam para o futuro, nele encontrando um centro irradiador de sentidos para se pensar a História, desde a notável *História do futuro*, de Padre António Vieira, às releituras do mito profético sebastianista por Fernando Pessoa, da visão da máquina do Mundo, n’*Os Lusíadas*, de Camões, a expressões literárias contemporâneas que projetam mundos possíveis, como Alexandra Lucas Coelho, com *A nossa alegria chegou*, ou *Hífen*, de Patrícia Portela.

Este número da revista *Convergência Lusíada* acolheu artigos que versam sobre projeções do futuro na literatura portuguesa, com possíveis diálogos comparativos: desde temáticas que abordam profecias e teleologias às modernas poéticas visionárias; das estéticas futuristas às narrativas distópicas do Ocidente; das viagens no tempo das obras de ficção científica a toda sorte de textos que refletem sobre o destino de indivíduos, de sociedades e da humanidade. Com este dossiê, acreditamos ter apresentado um quadro problematizador do papel do futuro na literatura portuguesa, assim como a conexão entre visões proféticas e projeções humanas de futuro, que nos possibilitam pensar o hoje, conectando-o ao ontem e ao amanhã. Convidamos, portanto, o leitor a nos acompanhar nessas viagens ao futuro.

Nosso percurso inicia com “Portugal entre o mar e o sonho: a metamorfose épica de uma nação”, de Rafael Santana. Aqui, assistimos a um exercício de leitura sedimentado numa tríade canônica do espaço literário português: Luís de Camões, Padre António Vieira e Fernando Pessoa. Para pensar a questão do messianismo em Portugal, destaca-se o binômio terra/mar como um *topos* fundamental de reflexão que atravessa a obra desses três autores. Centrado, sobretudo, nas visões e revisões acerca d’*Os Lusíadas*, Rafael Santana também projeta lances críticos sobre *A história do futuro*, *Mensagem* e outras obras, como as de Garrett a Cesário, formando com a épica camoniana uma infindável rede de citações, notando como as perspectivas de futuro imperial se transformaram, ao longo de séculos, de projeto “político-militar” em enevado sonho no “plano místico-poético”.

Seguindo a esteira camoniana, em “Há futuro antes do fim do mundo: a fala do Velho do Restelo e o colapso climático”, Kigenes Simas relê o episódio do Velho do Restelo, de *Os Lusíadas*, à luz da crise climática contemporânea. Com base nas categorias de experi-

ência e expectativa de Reinhart Koselleck, o artigo interpreta a fala do Velho como antecipação de um tempo histórico orientado para a catástrofe, em que a expansão mercantil e colonial acelera o curso da história em direção ao abismo. Ao estabelecer um paralelo entre o pressentimento de ruína no século XVI e o atual cenário de colapso ambiental, o estudo mostra como a crítica camoniana à cobiça e à glória bélica pode ser reatualizada como advertência diante do esgotamento ecológico do planeta, sugerindo que ainda há disputa de futuros antes do “fim do mundo”.

No artigo “O movimento operário em crônicas de Eça de Queiroz: contradições de um ‘socialista sentimental’”, João Roberto Maia retoma textos jornalísticos do ficcionista para refletir sobre a maneira como o escritor interpreta o avanço do movimento operário na Europa e nos Estados Unidos. O artigo identifica o descompasso entre, de um lado, a lucidez diagnóstica do cronista diante da miséria e da radicalização da luta de classes e, de outro, as soluções conservadoras e o temor de uma ruptura revolucionária. Ao analisar crônicas como “O inverno em Paris”, o estudo caracteriza o autor de *Os Maias* como um “socialista sentimental” que reconhece o conflito estrutural entre ricos e pobres, mas permanece preso a preconceitos de classe. Nesse contexto, a modernidade surge como cenário de impasses, em que a projeção do futuro social oscila entre o medo do desastre e a percepção, ainda que reticente, da necessidade de transformação.

Daniel Vecchio aproxima *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, de uma leitura marxiana da crise do capitalismo contemporâneo, em “A revolução não faltou ao ensaio: a cegueira branca e o risco do capitalismo atemporal”. O estudo interpreta a “cegueira branca” como metáfora da “arracionalidade” de um sistema que desumaniza os sujeitos, ao mesmo tempo que identifica, na experiência do grupo de cegos, a emergência de uma “comunidade

natural-espontânea” pós-revolucionária, inspirada na noção marxista de formas pré-capitalistas de sociabilidade. Ao examinar o fim do romance como gênese de um novo organismo comunitário, o texto sustenta que José Saramago conjuga distopia e utopia: a catástrofe social torna-se ocasião para imaginar outras formas de vida, fora da lógica do Estado e do mercado, reabrindo o futuro em um cenário de colapso.

Também ensaiando formas de sobrevivência ao Apocalipse, Ana Beatriz Affonso Penna, no artigo “A morte contra o apocalipse em Manuel de Freitas”, lê a poesia desse poeta como reflexão crítica sobre um futuro que já não se organiza em torno de promessas redentoras, mas de um apocalipse disseminado no cotidiano. Dialogando com Guy Debord, Jacques Derrida, Peter Pál Pelbart e a noção de “sociedade do espetáculo”, o texto mostra como a linguagem poética de Freitas se move entre comunicação e esgotamento, vida e sobrevida, confrontando a mercantilização da palavra. A presença insistente da morte, longe de significar apenas negatividade, é analisada como contracampo à precariedade da existência na lógica neoliberal, configurando um gesto de resistência que insiste em nomear o ínfimo e o efêmero em um horizonte de futuro fechado.

O artigo “A biblioteca imaginária de Afonso Cruz”, de Carlos Roberto dos Santos Menezes, analisa *O vício dos livros* em diálogo com *Jalan Jalan: uma leitura do mundo*, sublinhando a forma como a escrita de Afonso Cruz converte biblioteca e viagem em dispositivos de pensamento sobre a experiência e o tempo. Com base nas memórias de leitura, anedotas, reflexões ensaísticas e relatos de deslocamento, o estudo mostra que a biblioteca pessoal do autor configura um arquivo em movimento, no qual livros e trajetórias compõem uma cartografia imaginária do mundo e de si. Desse modo, a leitura é apresentada como prática que reordena passado e presente, mas também como modo de projetar futuros

possíveis, ao reinscrever, nas narrativas, as heranças que alimentam a ficção contemporânea de língua portuguesa.

“O 25 de abril e a disputa de utopias no campo da cultura: ressignificar o passado para projetar o futuro” – assinado por Daniel Laks, Mariana Albani de Carvalho e Bruna Matos Calheta – desloca o eixo da reflexão para o Portugal pós-25 de Abril e para a disputa recente em torno da memória da Revolução dos Cravos. A partir de epígrafes retiradas de sessões solenes no parlamento e de conceitos como “crise civilizacional” e “atualização da utopia”, o artigo mostra como discursos da direita e da extrema-direita procuram reconfigurar o sentido do passado revolucionário para moldar projetos de futuro antidemocráticos, destacando o modo como imaginários estéticos e políticos se cruzam na luta hegemônica pelo “real” e pelo porvir.

Fechando a parte temática do dossiê, Paulo Ricardo Kralik Angelini aborda, no artigo “Reinventar futuros: a cidade hostil e um novo *flâneur* na narrativa portuguesa hipercontemporânea”, um conjunto de romances portugueses do século XXI que representam a grande cidade como espaço de esgotamento, opressão e desagregação dos vínculos comunitários, articulando essa configuração urbana à emergência de um novo tipo de *flâneur*, já não fascinado pelas vitrines do capitalismo, mas em fuga da lógica citadina rumo a formas outras de habitar o espaço. Valendo-se das obras de Joana Bértholo, Manuel Bivar, Catarina Gomes, Rui Couceiro, Ivone Mendes da Silva, Filipa Fonseca Silva, Catarina Costa, entre outros, o estudo mostra como personagens solitários, precarizados e saturados pela tecnologia e pela hiperprodutividade abandonam o centro urbano, caminham até os limites da cidade ou para o mato, e reconfiguram a natureza como mecanismo de sobrevivência e de reinvenção do tempo. Em diálogo com Walter Benjamin, Marc Augé, Robert Park, Zygmunt Bauman, Byung-

Chul Han, Gilles Lipovetsky, assim como com as formulações de Ana Paula Arnaut, Paulo Medeiros, Carlos Reis e Alan Shapiro sobre o hipercontemporâneo, o artigo propõe que essas narrativas, ao exporem o colapso da cidade e da própria ideia de futuro, ensaiam deslocamentos utópicos mínimos, nos quais a errância, a lentidão e a atenção ao vivo e ao verde se tornam formas de resistir à experiência hipercapitalista do presente.

A seção *Varia* principia com Rui Tavares de Faria e o seu texto “Notícias da Índia... Gil Vicente e a desmistificação do triunfo da expansão ultramarina portuguesa no Oriente”, um instigante exercício de leitura do *Auto da Índia*. Dividido em três seções (“A partida”, “A ausência” e “O regresso”), o artigo esmiúça a peça vicentina, nela reconhecendo o pioneirismo da atitude desmonumentalizadora relativamente às navegações, e aponta como o dramaturgo, a partir de um olhar penetrante sobre a sociedade portuguesa de Quinhentos, elabora a sua crítica sobre a exploração no Oriente. Referenciada como documento de um tempo, o autor descobre na famosa obra do “pai do teatro português” as camadas ocultas dos chamados “Descobrimentos” e destaca a importância da revisitação desse texto clássico para a assunção de uma perspectiva atenta aos fracassos da História que marcaram o percurso português no além-mar.

Na sequência, temos o artigo “Descalça vai uma Ninfa: a propósito de um vilancete de Camões”, de Alexandra Tavares dos Santos Barroso e Mônica Genelhu Fagundes. O texto propõe uma leitura do poema camoniano “Descalça vai para a fonte” a partir do conceito de Ninfa formulado por Aby Warburg. As autoras analisam a figura de Leanor como uma imagem sobrevivente que atravessa tempos e formas artísticas, relacionando a *Pathosformel* warburguiana ao movimento e à expressividade da personagem. O estudo examina como o poema encena a coexistência de dimensões

eróticas e espirituais, revelando o modo como a poesia de Camões incorpora e transforma tradições visuais e simbólicas anteriores. Dessa forma, o texto evidencia a presença da Ninfa como figura de permanência e metamorfose na arte e na literatura.

Em “Machado poeta na imprensa oitocentista: o primeiro suporte e o soneto à Petronilha”, Cristiane Nascimento Rodrigues revisita a estreia literária de Machado de Assis na imprensa brasileira, com o “Soneto à Ilma. Sra. D. P. J. A.”, publicado em 1854 no *Periódico dos Pobres*. A autora reconstrói o contexto histórico e retórico desse jornal de A. M. Morando, evidenciando como a publicação de versos e crônicas cumpria função pedagógica e moralizante na sociedade do Segundo Reinado. A análise do poema revela um discurso poético que, ao mesmo tempo em que celebra as virtudes femininas dentro dos moldes burgueses, já anuncia a consciência formal e crítica de um jovem Machado, em diálogo com a tradição clássica e com a ideologia de seu tempo.

Por fim, o trabalho “As mulheres em Malheiro Dias: de Iracema a Maria do Céu”, de Andreia Castro e Marianna Pais, aborda o entrelaçamento entre modernidade, memória e escrita, examinando como a literatura se torna espaço de resistência e reinvenção do tempo histórico. Ao adotar uma leitura comparativa de autores contemporâneos, as autoras analisam as formas pelas quais o discurso literário se abre ao devir – seja pela reelaboração do passado, seja pela construção de futuros possíveis. Em sintonia com a proposta deste dossiê, o artigo afirma a literatura como campo de profecia simbólica, em que o gesto de narrar o presente é também um modo de imaginar o que ainda não existe.

Assim, este dossiê reúne reflexões plurais que atravessam o passado, interrogam o presente e projetam possibilidades de futuro, reafirmando a literatura como espaço privilegiado de crítica, invenção e resistência. Os artigos apresentados demonstram como a

imaginação literária, ao dialogar com crises, impasses e transformações sociais, permanece fundamental para pensar o tempo histórico e reinventar horizontes diante dos desafios contemporâneos. Ao congregiar olhares diversos, o conjunto reafirma o papel da escrita literária e da crítica como força ativa na disputa de sentidos e na construção de futuros possíveis.

Paulo Braz

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rodrigo Valverde Denubila

Universidade Federal de Uberlândia

REFERÊNCIAS

BELO, Ruy. *Todos os poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.